

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



ARTIGO

ROÇA TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTA

Traditional farm of the Rikbaktsa people

Granja tradicional del pueblo Rikbaktsa

Humberto Junior Rikbakta

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6674-8978>

E-mail: humberto.junior@unemat.br

Maria Helena Rodrigues Paes

Docente da UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra-MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1470-9366>

E-mail: ninhapaes@unemat.br

Travessini, Neodir Paulo

Docente da UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra-MT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7227-7205>

E-mail: neodir@unemat.br

Como citar este artigo:

RIKBAKTA, Humberto Junior; PAES, Maria Helena Rodrigues; TRAVESSINI, Neodir Paulo. Roça tradicional do povo Rikbaktsa. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. vol. 3, n. 7, p. 137-154, 2025.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 3, número 7 (2025)

ISSN 2595-9026

ROÇA TRADICIONAL DO POVO RIKBAKTSa

Traditional farm of the Rikbaktsa people

Granja tradicional del pueblo Rikbaktsa

Resumo

Os Rikbaktsa, habitam terras no Noroeste do Estado de Mato Grosso e são falantes fluentes da língua materna, mas, tem vivenciado situações de desesperança ao notar jovens Rikbaktsa valorizando mais práticas ocidentais, tendo em vista a relação com a sociedade envolvente. Este trabalho tem o objetivo de valorizar experiências de anciãos Rikbaktsa de modo a relatar experiência desenvolvida com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi, abordando os conhecimentos sobre a roça tradicional, embora tenhamos sido pressionados para seguir “padrão” de currículo da Gestão Estadual de Ensino. Os anciãos esclareceram sobre a roça tradicional de cultivo da mandioca e, em seguida, os alunos seguiram para a parte prática sob supervisão dos sábios.

Palavras-Chave: Tradição e Cultura. Roça da mandioca. Saberes de anciãos.

Abstract

The Rikbaktsa, who inhabit lands in the northwest of the state of Mato Grosso, are fluent speakers of their native language. However, they have experienced despair when they notice Rikbaktsa youths valuing Western practices more in their relationship with the surrounding society. This work aims to highlight the experiences of Rikbaktsa elders and report on an experience developed with high school students at the Myhyinymykyta Skiripi State Indigenous School, addressing knowledge about traditional farming, despite being pressured to follow the "standard" curriculum of the State Education Administration. The elders explained the traditional cassava farming, and then the students moved on to the practical part under the supervision of the wise men.

Keywords: Tradition and Culture. Cassava Farm. Knowledge of Elders.

Resumen

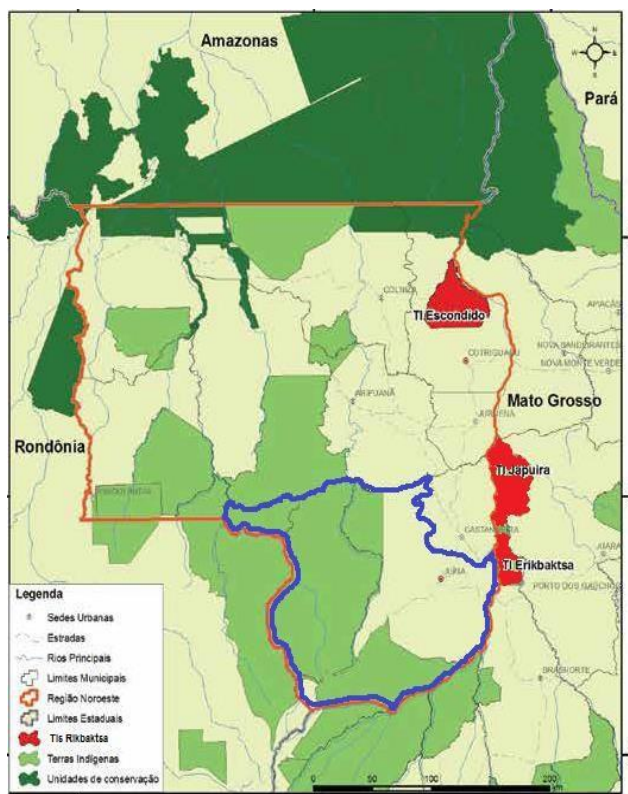
Los rikbaktsa, que habitan tierras en el noroeste del estado de Mato Grosso, hablan con fluidez su lengua materna. Sin embargo, se han sentido desesperados al observar que los jóvenes rikbaktsa valoran más las prácticas occidentales en su relación con la sociedad que los rodea. Este trabajo busca destacar las experiencias de los ancianos rikbaktsa e informar sobre una experiencia desarrollada con estudiantes de secundaria de la Escuela Estatal Indígena Myhyinymykyta Skiripi, en la que se abordaron los conocimientos sobre la agricultura tradicional, a pesar de la presión para seguir el currículo estándar de la Administración Estatal de Educación. Los ancianos explicaron el cultivo tradicional de la yuca, y luego los estudiantes pasaron a la parte práctica bajo la supervisión de los sabios.

Palabras clave: Tradición y Cultura. Finca de Yuca. Saberes de los Ancianos.

Introdução

Os Rikbaktsa, também conhecidos como “canoeiros”, vivem às margens dos rios Juruena, Arinos e Rio do Sangue, na região noroeste do Estado de Mato Grosso, distribuídos em três Terras Indígenas: Terra Indígena Erikbaktsa, Terra Indígena Japuira e Terra Indígena Escondido. São aproximadamente três mil Rikbaktsa vivendo nestes territórios, que ocupam áreas dos municípios de Brasnorte, Juara e Cotriguaçu.

Figura 1: Localização das Terras Indígenas dos Rikbaktsa



Fonte: Zadoreski Júnior e Schwertner (2020)

Em geral, as pessoas ainda falam a língua materna, sendo algumas falantes com fluência (principalmente os mais velhos) e outras com dificuldade; entre os mais jovens, poucos usam e dominam a língua ancestral, pois a própria família tem dificuldades na fala da língua Rikbaktsa. Os jovens que falam a língua materna, são jovens que têm os pais falantes, mas, mesmo sem o domínio da língua materna a maioria dos jovens praticam e participam das festas tradicionais quando acontecem nas comunidades do povo. Nas festas os rituais são todos praticados e cantados na língua materna.

A nossa educação tradicional é feita pelos pais e os anciões da aldeia, como afirma Bismy (2016, p 17),

A educação tradicional do povo *Rikbaktsa* é feita pelo pai e pela mãe da criança, mas também recebem ajuda da anciã mais velha da aldeia, visto que é ela quem tem o conhecimento mais profundo da realidade em que vivemos.

Além da educação tradicional, a escola, em função das relações com a sociedade não indígena, traz a educação formal, com conhecimentos do mundo ocidental, mas relacionando com os conhecimentos tradicionais do povo Rikbaktsa. Todos os professores das escolas em área Rikbaktsa são pessoas Rikbaktsa. Assim, é uma educação específica e diferenciada de forma que os professores são responsáveis e preparados para organizar a rotina escolar com conhecimentos ocidentais, mas, acima de tudo, valorizando aspectos da cultura tradicional Rikbaktsa. A única prática que não é trabalhada na escola é a do funeral, mas os pais sempre levam os filhos e as filhas, para participarem e juntamente aprender nesse dia que estiver acontecendo.

Este trabalho busca elevar a importância e focar na valorização cultural de experiências dos anciões do povo Rikbaktsa e, que, de alguma forma, são fortalecidos pelas gerações mais jovens sob força de práticas e intervenção da escola em nossas comunidades. Trata-se do relato de atividade desenvolvida com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi, abordando os conhecimentos sobre a roça tradicional do povo Rikbaktsa, partindo-se de conhecimentos de sábios anciões. São os anciões e as anciãs que sabem o que significa o alimento para as nossas vidas, para a vida dos nossos filhos e, portanto, para a sobrevivência do meu povo e detém o conhecimento ancestral sobre a roça, onde são cultivadas as plantas que originam os alimentos. A atividade teve o objetivo de observar e conhecer o manejo da roça tradicional e o manejo de roça tocada com equipamentos ocidentais. Ao final cada aluno fez sua conclusão sobre os pontos positivos e negativos de cada tipo de cultivo.

Me apresentando

Sou Humberto Junior Mytsikzi Rikbakta, graduado no curso de Licenciatura Intercultural Indígena na área de Ciências da Natureza e Matemática, concluído no

ano de 2022 pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus de Barra do Bugres. Trabalho na Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi, sendo sua sede na Aldeia Barranco Vermelho. Atualmente estou exercendo a função de Orientador Pedagógico, atendendo, além da escola sede, também as salas anexas em outras comunidades: Escolinha, Primavera, Curva, Segunda, Beira Rio, Areia Branca, Aldeia Nova, Pedra Bonita e Barranco Vermelho.

Falo fluentemente a língua portuguesa, mas, também falo um pouco na língua materna do meu povo; na verdade, entendo várias palavras na língua materna, mas tenho dificuldade de desenvolver um diálogo mais preciso na língua tradicional. Essa condição se deve ao fato de que os meus pais tiveram passagem pelo Internato Utariti, onde foram proibidos de falarem a língua materna naquele tempo e isso acabou nos afetando pois eles não conseguiram nos ensinar nossa língua ancestral. Busco me fortalecer na língua materna para ensinar os meus filhos em casa, mesmo com o pouco que sei e domino.

Estudei na Escola Municipal Indígena Cacique Tapemy, na Aldeia Primavera até concluir o Ensino Fundamental e depois iniciei o Ensino Médio na sala anexa da Escola Estadual Ewaldo Mayer Roderjan, também na mesma aldeia, até o meu 2º ano. No ano de 2007, foi criada a Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi, na aldeia Barranco Vermelho, onde conclui o meu 3º ano do Ensino Médio.

No ano de 2013, iniciei a minha carreira de professor, trabalhando na sala anexa na aldeia Primavera e, no final de 2015, fiz o vestibular da FAINDI-Faculdade Indígena Intercultural e tive muito apoio da comunidade. Como fui aprovado no vestibular, em 2016 ingressei na UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso, pela FAINDI, me graduando em Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática no ano de 2022. A minha Graduação foi Específica e Diferenciada, e contribuiu muito na minha atuação de professor na minha comunidade.

Atualmente faço o curso de Pós-Graduação *strictu sensu*, no conhecido Mestrado Intercultural Indígena, pelo PPGECEII-Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, também pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, ofertado no Campus de Barra do Bugres-MT.

Tenho como meta minha qualificação contínua, em especial, qualificação voltada para as questões específicas do meu povo e da minha escola na comunidade Rikbaktsa. Então, penso que a educação escolar indígena precisa que nós, indígenas,

nos qualifiquemos para que o futuro do meu povo seja sempre da melhor forma possível.

Como este trabalho destaca questões tradicionais do povo Rikbatsa, considero importante informar em linhas gerais sobre o meu povo. Embora já existam várias publicações acerca desta temática, acho que é sempre uma forma de valorizar o povo Rikbaktsa.

Meu povo: os Rikbaktsa

Para o povo Rikbaktsa, segundo Givanildo Bismy Rikbakta (2016), são várias as versões de mito de sua origem, mas, a mais aceita é de que os Rikbaktsa surgiram a partir de um peixe chamado cará:

Conforme a narrativa do mito, antigamente, todos os animais falavam, quer dizer, já existia vida, mas existia pouco alimento. Até aí os homens utilizavam arco e flecha para caçar, cercavam os animais e vinham fechando a roda, até matar o animal. Naquele tempo, todos os povos viviam juntos e não havia separação entre os povos e também não havia doenças. (Rikbakta, 2016, p. 11).

Antigamente o povo sobrevivia da caça, pesca, coletas de frutas nativas, mas, atualmente, em função das relações com a sociedade não indígena, a maioria das famílias vivem de renda mensal pelo programa Bolsa Família, por rendas de aposentadorias e também de trabalhos remunerados como funcionários na área da saúde, de educação ou outra função em órgãos públicos, como na FUNAI. Algumas famílias também têm rendas em função de comercialização de castanha, da comercialização de produtos da roça de toco, entre outros meios que possam gerar uma fonte de renda, como por exemplo, com comercialização de artesanatos com sementes e do látex de seringa.

Alguns Rikbaktsa, quando graduandos, já fizeram trabalhos acadêmicos relacionados aos tipos de alimentação que as pessoas Rikbaktsa consomem, seguindo as orientações dos anciãos, como Utumy (2018), Rikbaktsa (2022), Bismy (2016), entre outros. Segundo encontramos nestes trabalhos, o povo Rikbaktsa consome os frutos que são coletados anualmente, sendo que cada espécie de frutos tem o seu período específico de colheita. Os frutos consumidos pelo povo são coletados para fazerem sucos tradicionais e acompanha durante a alimentação das famílias. Segundo Rikbakta (2016, p. 12),

Os homens vão ao mato junto com as mulheres, mas as crianças só vão ao mato quando estiverem com 14 anos, já que está grande o suficiente para aguentar carregar a castanha. Eles vão para o mato para a retirada da castanha, mas quando não tem a castanha para colher, fazem outras atividades para sobreviverem como: confecção de artesanatos, plantação de roça, caçadas, pescarias, entre outras.

O povo tem várias maneiras de se sustentarem além das roças tradicionais. Mas a roça tradicional é a principal fonte de alimentos produzidos para a alimentação das famílias.

No decorrer de sua existência, o meu povo teve vários conflitos com outros povos por disputa de território e até mesmo com os seringalistas que chegaram na região para extrair o latex da seringa para a produção da borracha.

Arruda (1998) narra que com a chegada dos colonizadores o povo sofreu uma dizimação, levando quase a extinção dos Rikbaktsa. Esse fato aconteceu na década de 40, segundo os relatos de vários anciãos que presenciaram esses conflitos naquela época. Na maioria das vezes, os ataques dos extrativistas se dava por envenenamento de açúcar; os seringueiros deixavam açúcar envenenado próximo das casas dos Rikbaktsa e, quando o pessoal encontrava, acabavam consumindo aquele açúcar que os levavam à morte. Segundo Arruda (1998, p. 01) afirma:

Os Rikbaktsa, conhecidos como "Orelhas de Pau" ou "Canoeiros", tidos como guerreiros ferozes na década de 1960, enfrentaram um processo de população que resultou na morte de 75% de seu povo. Recuperados, ainda hoje impõem respeito à população regional por sua persistência na defesa de seus direitos, território e modo de vida.

Segundo relatos dos anciãos, em meados da década de 60, em função dos ataques dos extrativistas, o povo tinha uma população de aproximadamente 200 pessoas, depois, com bastante cuidado e organização, atualmente a população tem aproximadamente 3.100 pessoas que vivem nos territórios Erikbaktsa, Japuíra e Escondido.

Em se tratando da organização do povo, considerando aspectos da tradição cultural, os Rikbaktsa se organizam por meio de dois clãs: Arara Amarela (*Makwazaktsa*) e Arara Cabeçuda (*Hazobiktsa*), sendo que cada clã tem o seus subclãs e estão divididos conforme apresentado no Quadro 01.

Quadro 01: Clãs e Subclãs Rikbaktsa

CLÃS RIKBAKTSa: principais	
Makwazaktsa: Arara amarela (“puro”)	Hazobiktsa: Arara cabeçuda
SUBCLÃS ORIUNDOS DOS CLÃS PRINCIPAIS	
Tsikbaktsa: arara vermelha	Umahatsa: figueira (árvore)
Bitsitsiktsa: imbirici (fruta)	Tsuãzatsa: macuco (pássaro)
Mybayknytsa: macaco coatá	Tsawaratsa: inajá (fruta)
Zuruktsa: onça preta	Boroktsa: árvore leiteira
Wohoziktsa: arara amarela (povão)	Zeho pyrytsa: jenipapo (fruta)

Fonte: Arquivo do autor, 2022.

A divisão dos clãs é uma prática desde os tempos imemoriais e tem seus significados míticos da existência dos Rikbaktsa. São regras alimentares, de vestuários, de casamentos, de comportamentos, de pinturas corporais, etc. O clã da arara amarela (*makwazaktsa*) tem os seus artesanatos de cores específicas assim como suas pinturas. O clã da arara cabeçuda (*hazobiktsa*), também tem o seu artesanato e suas pinturas específicas. A marca que diferencia cada clã são as pinturas corporais.

As pinturas corporais ou faciais servem para identificar o clã e os sub-clãs do povo nas festas culturais e nas apresentações, assim poderão ser distribuídos os trabalhos que cada clã e seus sub-clãs ficam responsável e as ordens no momento da dança tradicional de cada clã e seus sub-clãs. As pinturas do clã da arara amarela é uma pintura com riscos bem finos no corpo todo e a pintura da arara cabeçuda é bem mais larga, essas diferenças que identificam os clãs nas festas tradicionais do povo e também as cores nos artesanatos de cada clã.

Figura 2: Artesanatos: clã *hazobiktsa* e clã *makuaraktsa*



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

Os alimentos nas festas tradicionais são distribuídos conforme os clãs e seus sub-clãs, sempre considerando a quantidade de pessoas que estão participando da festa. Ou seja, sempre tem alimento suficiente para todos que estão participando da festa. Os alimentos distribuídos são: chicha de batata doce, chicha de milho (um tipo de suco natural), batata doce assada, beiju de milho, beiju de mandioca, carne assada (moqueada), mingau de castanha.

O povo Rikbaktsa tem dois períodos de festas tradicionais que são realizadas todos os anos: no período de seca e no período de chuvas (tem festa específica para período de chuva e outras que só acontecem no período da seca). As identificações dessas festas são através dos tipos de instrumentos usados nas festas, por exemplo, as flautas: na festa da seca são utilizadas as flautas compridas e na festa da chuva são utilizadas as flautas curtas.

A festa sagrada que o povo tem é a festa do gavião real, que é da furação para uso de penas do gavião real. Quem recebe essas penas para furação é escolha de quem matou o gavião e sempre será escolhido a pessoa do outro clã que não é o seu; por exemplo, se for uma pessoa do clã da arara amarela, outra pessoa do clã da arara cabeçuda que vai fazer a furação de penas ou vice-versa; nesta festa a mulher gestante não pode consumir o mingau da festa e nem o esposo, se isso acontecer, a esposa pode sofrer consequências, como problemas durante a sua gestação; também ela não pode tocar nas penas da ave, nem a esposa e nem o esposo.

Temos também a cerimônia da furação do dente da onça, onde as crianças e mulheres não participam, nem homem que tem os filhos pequenos. Essas furações acontecem durante a madrugada, quando a aldeia está toda em silêncio; durante o

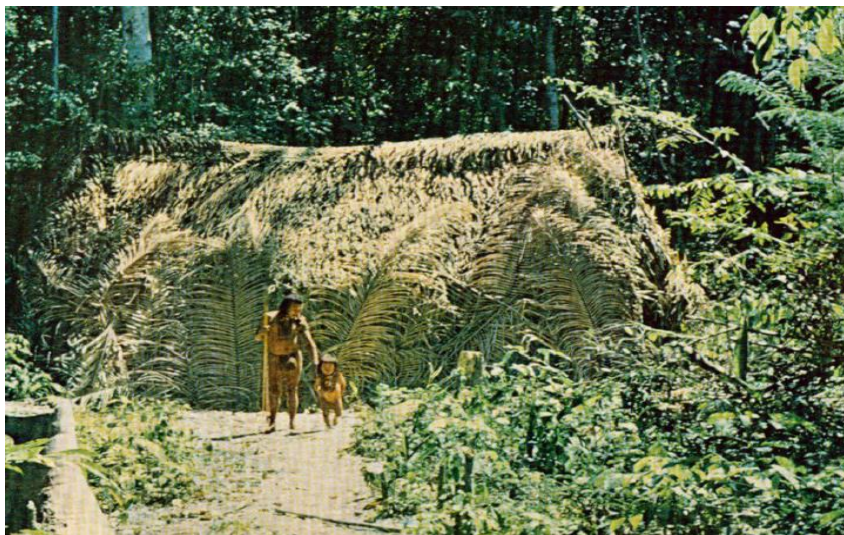
ritual da furação não podem ter barulhos de pessoas, a não ser de quem é escolhido para fazer a furação.

A furação de dente de onça acontece quando uma pessoa mata uma onça e arranca só o dente para fazer colar. Quando a pessoa vai furar o dente da onça ela não pode derrubar no chão porque os nossos anciões acreditam que quando o dente cai da mão de uma pessoa uma outra onça passa a perseguir a pessoa que derrubou o dente no chão. É somente homens que furam os dentes e tem que ser de madrugada, quando as crianças não estão acordadas, assim elas não vão atrapalhar. (Bismy, 2016, p,12).

O povo tem a sua tradição forte ainda, e mantém os seus costumes, as pescas tradicionais com o uso do timbó e tampagem de córregos no período de seca, também usam pescar com o arco e flecha. O arco e a flecha são utilizados para caçadas e pescarias.

As nossas casas, são na maioria, feitas de materiais comprados na cidade, como tijolos, tábuas e cobertas com telhas. Muitas famílias ainda mantêm a sua casa tradicional. As opções de modificação na moradia, são devidas as mudanças de hábitos e as facilidades no conforto e segurança das famílias no período de chuvas.

Figura 3: Casa tradicional Rikbaktsa



Fonte: Menezes (2021, p. 30).

Na minha aldeia, a Vale do Sol, tem três casas, todas pertencentes a famílias próximas entre si. São casas construídas com materiais comprados na cidade, exceto as madeiras que são retiradas na mata do território. Não temos Posto de Saúde na

aldeia, mas temos o Agente de Saúde que faz visitas e atendimentos durante a semana. Todas as casas tem água encanada, luz elétrica e a escola fica aproximadamente uns 2 km da minha casa.

Onde moro, a maioria das pessoas não falam a língua materna. Mesmo que não sejam fluentes da língua materna, todos respeitam e valorizam a cultura tradicional, de forma que todos estão sempre presentes nas festas tradicionais e praticam as práticas culturais do povo. Percebo que mesmo os mais velhos têm dificuldade de falar a língua Rikbaktsa e isso é consequência de que quando eram pequenos foram levados para o Internato Utiariti. Meus sogros e meus pais são pessoas que têm dificuldades para falar a língua materna, com isso não conseguimos acompanhar e aprender, pois se o pai ou a mãe não falam a língua materna, não tem como ensinar os filhos em casa. Assim, dependemos da escola muitas vezes para aprender alguma coisa da nossa própria língua tradicional, e até mesmo os professores encontram dificuldades para ensinar em salas de aulas, pois a língua materna tem algumas regras: têm palavras que são faladas só pelos homens e palavras faladas só pelas mulheres, com isso temos dificuldades em sala de aula com misturas no uso de palavras de diversidades de gênero.

A Escola

A Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi teve a sua criação no ano de 2007 e naquela época eram professores formados com apenas nível de Ensino Fundamental e alguns com Ensino Médio. Tinha uma minoria com formação em Nível Superior. Atualmente, a escola tem um quadro de funcionários com Nível Médio, que trabalham na função de merendeiras, de apoio na função de faxineira e ainda de técnico administrativo. No total temos 25 professores: 6 professores habilitados com Nível de Magistério Intercultural, 17 professores graduados em Nível Superior nas áreas de Linguagem, Ciências Sociais, Ciências da Natureza e Matemática, 2 professores habilitados com nível de Mestrado.

A escola recebeu o nome em homenagem ao professor Paulo Henrique Martinho Skiripi, pois é um grande lutador e defensor da educação escolar específica e diferenciada para nosso povo. “Professor Paulino”, como é bem conhecido, não só é referência para a defesa dos direitos da educação escolar indígena como também é incansável guerreiro para lutar por melhorias para as nossas comunidades Rikbaktsa em todas as áreas.

Com sede na Aldeia Barranco Vermelho, a Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi conta com boa estrutura física, contando com 2 (duas) salas de aulas, três banheiros masculino e feminino, uma sala de professor, um laboratório de informática com 20 computadores, mas que não estão funcionando pois apresentaram problemas. Também tem uma cozinha, um laboratório de química que hoje serve de sala de aula, devido não ter equipamento para seu uso específico.

Contando com alunos das salas anexas, a escola tem 375 alunos matriculados. As 09 (nove) salas anexas existem porque as aldeias são bem longe uma das outras, assim, facilita a oferta da educação escolar em diversas comunidades, já que não é necessário a criação burocrática de escolas em cada aldeia para uma quantidade relativamente pequena de alunos e nem força os alunos a se deslocarem por longas distâncias para frequentar aulas. A sede fica a uma distância de aproximadamente 50 km da aldeia mais longe que conta com sala anexa.

O Projeto Político Pedagógico-PPP foi elaborado juntamente com as lideranças e caciques das comunidades, assim, foram feitas reuniões nas quais foram discutidas as metodologias que a escola deveria adotar e a política de relações da escola com a comunidade. Estas condições de participação da comunidade nas definições de funcionamento da educação escolar só são possíveis em função da legislação brasileira que autoriza e dá o direito para as escolas trabalharem segundo a realidade de cada comunidade indígena. Ao ler os artigos da Constituição Federal de 1988, pude observar que existem vários direitos que são garantidos e que servem para a divulgação das nossas culturas e diversidades, entendo, então, que a escola participa de alguma forma no fortalecimento destes direitos. Afirma o Artigo 3º, nos seus incisos II e III:

Artigo 3º. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

III – Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas:

Embora a legislação ampare o trabalho específico e diferenciado, este direito não está sendo respeitado. Lembremos que Constituição Federativa do Brasil-CF de 1988 já em seu Artigo 210, §2º, ao tratar da oferta de Ensino Fundamental afirma que está “(...) assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.” (CF, 2016, p. 124). Na mesma

direção, a LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, garante o cumprimento das cargas horárias em sala de aula e também dá direito a considerar e registrar como atividades escolares as atividades culturais nas quais professores e alunos participam no contexto da comunidade. Ou seja, é reconhecido os processos específicos de ensino e aprendizagem de cada cultura. Na cultura Rikbaktsa, ao participar dos rituais e das atividades culturais da comunidade, a pessoa sempre está aprendendo.

Ao considerar o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Estadual Indígena Myhyinymykyta Skiripi eu pude perceber que várias coisas estão amparadas pela legislação, como por exemplo a oferta das disciplinas de “Ciências e Saberes indígenas” e “Língua Materna”. Além deste exemplo também são amparadas legalmente e consideradas atividades escolares as participações nas festas tradicionais, nos rituais de funeral e sempre respeitando a cultura do povo Rikbaktsa. A escola desenvolve um projeto de biblioteca integradora na sede e nas salas anexas. A escola tem uma relação muito boa com a comunidade Rikbaktsa; todos fazem papel muito importante dentro da educação escolar indígena e a comunidade está sempre nas reuniões e eventos da escola.

Mesmo assim, estamos com certa dificuldade de executar as atividades escolares conforme nossos próprios processos de ensino e aprendizagem, bem como considerar as atividades da cultura tradicional como parte da rotina da educação escolar. Temos sido pressionados pelos órgãos de gestão superior da educação estadual no sentido de cumprimento de calendários e cumprimento de conteúdos enviados pelo sistema estadual de ensino. Ou seja, percebemos que há pouco reconhecimento das atividades da nossa cultura como parte importante do processo ensino e aprendizagem escolar.

A educação escolar na comunidade, por responsabilidade institucional, segue as normativas que são impostos pela Secretaria de Estado de Educação, cumprindo as cargas horárias e fazendo os registros necessários. Nesse sentido, entendo que a política educacional ainda segue o modelo “colonial” mesmo que as escolas indígenas tenham as suas especificidades garantidas nas diversas legislações já citadas. A escola indígena, mesmo com as regras imposta pelas instituições responsáveis, busca sempre trabalhar numa perspectiva “decolonial” onde os alunos têm a liberdade de praticarem as atividades na comunidade. Entendo que estamos quebrando o

modelo colonial quando estabelecemos relação dos saberes ocidentais com os saberes e práticas da nossa cultura tradicional.

Por isso, esse re-conhecer, um caminho que emerge desde o pensamento decolonial como uma utopia, mas também como uma prática que se constrói nas diversas realidades da América Latina/Abya Yala é a “interculturalidade”. Entretanto, para entender a emergência da “interculturalidade” desde as práticas e pensamento latino-americanos, é preciso entender também o “interculturalismo” (Dulci; Malheiros, 2021, p, 183)

O modelo “colonial” vem tendo resistência na escola indígena e os professores trabalham no modelo “decolonial”, juntamente com os alunos em salas de aulas e fora delas, fazendo essas manobras nas atividades específicas do povo, para formar cidadãos críticos na sociedade para defender o seu povo, nas defesas dos seus territórios e de suas práticas culturais tradicionais.

Temos insistido, então, em propor atividades diversas. Aqui, faço o relato de uma prática pedagógica com alunos do Ensino Médio da Escola sede, trazendo anciãos para o contexto escolar com objetivo de passar sua sabedoria sobre a roça tradicional Rikbaktsa. Ou seja, apresento uma prática decolonial na escola indígena do meu povo.

A roça tradicional dos Rikbaktsa

A roça tradicional é considerada um forte elemento de valorização da cultura Rikbaktsa; representa a continuidade de práticas ancestrais que ainda vivem na atualidade. A roça é fundamental para a produção de muitos de nossos alimentos, trazendo em si o conjunto de elementos de grande valor cultural. É a sabedoria do ancião na escolha do local, na preparação da terra, no plantio, nos cuidados com as plantas, os saberes de identificar a hora certa para a colheita e, principalmente, no compartilhar com os seus familiares o que foi produzido, como ainda o momento de consumir o alimento com outras pessoas. A organização de dividir com o outro os alimentos produzidos na roça, ou trocas de variedades de alimentos que o outro produziu é uma prática muito importante para os Rikbaktsa.

Tendo em vista as perspectivas que a escola precisa interagir com a comunidade, aproximar as práticas escolares com as práticas culturais, planejamos uma atividade a partir do olhar e da percepção das mudanças nas roças tradicionais,

já que, em tempos atuais, as roças nem sempre seguem as práticas de nossos ancestrais. Surgiu, então, a proposta de trabalhar os saberes dos anciãos acerca da roça tradicional Rikbaktsa envolvendo alunos do Ensino Médio da nossa escola sede. Esse conhecimento deveria ser contrastado com a prática da roça feita com auxílio de equipamentos ocidentais, se afastando dos saberes tradicionais sobre roça.

Não podemos esquecer que a roça é um espaço de convivência social e de aprendizagens no contexto do meu povo. Segundo Rikbakta (2022, p, 14),

A nossa roça tradicional é um espaço socioeducativo onde as crianças e jovens aprendem com os pais. Nesse espaço as crianças e o jovens aprendem, como plantar as variedades de alimentos seguindo as fases da lua. Para fazer a roça precisamos marcar o lugar e escolher o tipo do solo que seja bem produtivo e que serve para qualquer tipo de plantação que serão plantados na roça.

O planejamento foi feito a partir de relatos e experiências dos anciãos da aldeia sobre como percebem que está acontecendo as formas de manejo das roças em tempos atuais. Segundo os anciãos, ouvidos em reunião, antigamente as roças eram sempre feitas em comunidades, hoje a roça é feita individual e usando máquinas, como o arado. Isso é devido as estratégias de sobrevivência do povo com a facilidade que a tecnologia oferece nesses aspectos.

Foi organizado a roda de conversa dos alunos com o ancião, e, também, uma roda de conversa com o cacique sobre a roça tradicional. Logo após as orientações do cacique e do ancião, levei os alunos na roça tradicional do ancião, o qual relatou sobre a escolha do local, sobre os tipos de vegetação, a influência da lua no momento da roçada e da derrubada de mato. O ancião foi falando e, quando possível, mostrando *in locus* sobre o que falava e orientava.

Figura 4: Roça tradicional Rikbaktsa na Aldeia Vale do Sol



Fonte: Arquivo do Autor, 2023

O cacique e o sábio ancião ainda falaram sobre os tipos de alimentos que podem ser plantados nessa roça tradicional e as variações das escolhas dos tipos de solos para cada tipo de alimento que será plantado. Devido a distância da roça, voltamos para a aldeia pois já era tarde.

No dia seguinte, levei os alunos numa roça feita com arado, onde também acompanharam atentamente o relato do dono da roça, que falou sobre quais tipos de produtos que podem ser plantados nessas roças e quais são os resultados obtidos. O dono da roça explicou que o arado facilita e deixa o serviço mais rápido. Ao invés de usar muitas pessoas para a organização da roça, com o arado uma pessoa somente pode fazer o preparo do solo onde vai plantar.

Os alunos do Ensino Médio, quando voltaram para a sala de aula, fizeram seus relatos sobre o que ouviram, viram e aprenderam e, depois, tivemos uma discussão sobre os tipos e modelos da roça tradicional e a roça feita com arado. Nessa discussão estavam presentes os donos das roças, e cada um deles falou sobre as suas observações a respeito do modelo de roça e das mudanças no formato da roça tradicional.

Figura 5: Roça mecanizada na Aldeia Vale do Sol



Fonte: Arquivo do autor, 2023

Ao retornar para sala de aula, no outro dia, trabalhei os conceitos teóricos a partir das experiências vivenciadas nos dias das realizações das pesquisas de campo. Foram produzidos relatórios das aulas de campo e também produziram um texto argumentativo. As experiências foram muito produtivas em sala de aula e fora da sala.

Segundo os alunos, é muito importante manter vivo o conhecimento dos anciãos no que se refere ao cultivo de uma roça. Ficaram impressionados com o saber dos anciãos sobre sua forma de perceber os sinais da natureza para a escolha do local e como conduzir sua plantação.

Considerações Finais

Acredito que o trabalho foi muito importante e muito produtivo, pois foi possível perceber que os alunos conseguiram ver, perceber e observar os tipos de roças e as variações dos alimentos que são plantados em cada roça, dependendo do solo escolhido pelas pessoas que irão fazer as roças num determinado local.

Os trabalhos propostos e conduzidos por mim e a turma do Ensino Médio, foram muito proveitosos e todos os alunos conseguiram compreender e identificar as diferenças e mudanças na organização do espaço e mudanças em alguns tipos de alimentos plantados em cada roça e seus modos de plantio.

A roça é uma oportunidade e espaço onde as crianças podem conhecer e aprender juntamente com os pais; as mães têm a função de ensinar e orientar as

meninas nos seus afazeres direcionados aos trabalhos das mulheres, como a limpeza dos alimentos colhidos e como preparar os alimentos a partir dos produtos vindos da roça. Os pais, por sua vez são responsáveis pelos ensinamentos na educação dos filhos e nos trabalhos realizados pelos homens, como o preparo da terra, o plantio e a colheita.

Referências

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. **Os Rikbaktsa: Mudança e Tradição**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, 1992.

BISMY, Givanildo. **Educação das crianças do Povo Rikbaktsa**. Trabalho de Conclusão de Curso. FAINDI/UNEMAT, 2016.

BRASIL. **LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 7. ed. Brasília: Senado Federal, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016.

MENESES, Gabrielle Cardoso. **Os Rikbaktsa**. História e Sociedade na Amazônia Meridional. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

RIKBAKTA, Humberto Junior Mytsikzi. **Valor Material e Imaterial da roça tradicional do Povo Rikbaktsa**. Trabalho de Conclusão de Curso FAINDI/UNEMAT, 2022.

UTUMY, Edinei. **Descrição dos frutos nativos utilizados na alimentação do povo indígena Rikbaktsa**. Trabalho de Conclusão de Curso. FAINDI/UNEMAT, 2018.

Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Povo Rikbaktsa; Opan, Berço das Águas, 2020.

Recebido: 10/02/2025

Aprovado: 02/03/2025

Publicado: 30/06/2025